

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XVIII*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1979

**JOÃO LUIS VAZ**

**Professor efectivo do ensino secundário**

**TÉRMINO AUGUSTAL DE GOUJOIM (ARMAMAR)**

**Conimbriga, 18 (1979), 133-138**

**RESUMO:** NO lugar de Goujoim, concelho de Armamar, um marco delimitatório, atribuível à época de Cláudio ou de Nero, mostra-nos que por ali corria o limite entre os Coilarni e um outro povo cujo nome começa por *Raba...* e é desconhecido das fontes literárias antigas.

**RÉSUMÉ:** A Goujoim (Armamar), un cippe de bornage (terminus augustalis) d'époque claudienne ou neronienne témoigne de la limite entre les Coilarni et un autre peuple dont le nom commence par *Raba...*, nom inconnu des sources littéraires classiques.

(Página deixada propositadamente em branco)

## TÉRMINO AUGUST AL DE GOUJOIM (ARMAMAR) \*

Trata-se de um enorme bloco granítico, fracturado ou danificado em diversos pontos. Mede 125 de altura, por 61 de largura e 37,5 na espessura <sup>(1)</sup>.

Gomo foi descoberto, não sabemos. Apenas tivemos conhecimento de que, há alguns anos, alguém fez uma cópia, não fiel, da inscrição, que não mereceu a atenção de qualquer estudioso. Ao vê-la, desde logo verificámos tratar-se de um término august al<sup>(2)</sup>.

Deslocámo-nos a Goujoim, concelho de Armamar e aí depáramos, no sítio das Lameiras, a cerca de 1500 metros a nordeste

\* Sobre este tema fizemos uma comunicação ao *Congresso Internacional para a Investigação e Defesa do Património*, Alcobaça, 1978. Fotografias do autor.

0) As medidas vão sempre indicadas em centímetros.

<sup>(2)</sup> Trata-se do sexto término augustal a ser descoberto em Portugal. Curiosamente, todos eles se situam entre Douro e Tejo, e apenas dois deles a sul do Mondego. Damos a bibliografia de cada um dos outros:

Marco de S. Salvador: Jorge ALARCÃO e Robert ÉTIENNE, *Le Portugal à Vépoque augustéenne*, «Symposium de Ciudades augusteas», Saragoça, 1976, p. 171-185. (=P. E. A.); Marco de Peroviseu: João Luiz VAZ, *Inscrições romanas do Museu do Fundão*, «Conimbriga», XVI, 1977, p. 5-31; Marco de Ul: D. Fernando de ALMEIDA, «*Terminus augustalis*» entre Talabriga e Lancobriga, «O Arqueólogo Português», 2.<sup>a</sup> série, 2, Lisboa, 1953, p. 209-212. Marco de Balsemão: F. Russel CORTEZ, *As escavações arqueológicas do «castellum» da Fonte do Milho*, «Anais do Instituto do Vinho do Porto», I, 1951, p. 26. Marco de Guardão: P. E. A., p. 171-185.

da povoação, com o monolito, abandonado e coberto de líquenes (3).  
Em condições precárias rectificámos a leitura:

INTE[R]	[TI CLAVDIO CAE]	ITER
COILA[R]	[SA]RI*AVGGE[R]	RABA
	[P]ONT-MAX-TR[I]	
	[BJVPOTESTĀTE V	
	5 I PP COSIII TER	
	MI-AVG	

[TI(*berio*) CLAVDIO CAE]/[SA]RI AVG(*usto*) GE[R](*manico*)/  
I[P]ONT(*ifíci*) MAX(*imo*) TR[I]I[B]W(*nitia*) POTESTATE V/I(*sexta*)  
P(*atri*) P(*atriae*)CO(n)S(*uli*) III (*tertium*) TER<sup>I</sup>Ml(*nus*)AVG(*ustalis*)/  
/INTE[R]COILA[R](7ios)/I(re)TER/RABA...

A Tibério Cláudio, César, Augusto, Germánico, Pontífice Máximo, com o poder tribunicio pela sexta vez, Pai da Pátria, Cônsul pela terceira vez. Término augustal entre os Coilarnos e os *Raba*...

Altura das letras:

Face esquerda: 1. 1: 7,7; 1. 2: 7, I = 2.

Face principal: 1. 2: c. 7; 1. 3: c. 6,5; 1. 4 a 6: 6,5.

Face direita: . 1: 6,5; 1. 2: 6.

Espaços interlineares:

Face esquerda: 1: 11; 2: 1,7; 3: 92.

Face principal: 1: ?; 2: c. 3; 3: 1-4: 4: 2; 5: 2,5; 6: 2; 7: 72.

Face direita: 1: 22,5; 2: 1-1,7; 3: 92.

A 1. 1 não existe gravada na pedra: foi destruída pelos maus tratos que o bloco sofreu (4).

(3) Aproveitamos para deixar uma palavra de agradecimento ao Jorge Gouveia e ao José António que nos serviram de guias nas nossas expedições, e ao Sr. P.º Fernando Artur Mergulhão Cardoso, pároco de Goujoim, inexcédí vel no seu interesse pela povoação, no seu passado e presente. Para eles e outros que nos acompanharam, os nossos agradecimentos.

(4) Se, como dizemos à fiente, o marco for do tempo de Nero, esta linha poderia ser: IMP NERO CAE ou NERO CL CAE.

As 1. 2 e 3 foram destruídas do lado esquerdo, o que levou ao desaparecimento de algumas letras. Saliente-se na 1. 3 o nexu 77?.

Na 1. 4 há a salientar o nexu *TA*.

O restante da inscrição lê-se bastante bem. Deverão ainda salientar-se as estranhas abreviações de *tribunitia* em TRIBV, o que não é frequente, e de *terminus* em TERMI.

Na face esquerda temos indicado o nome dum dos povos a que o marco demarcatório dizia respeito: os *Coilarnos*. Saliente-se o desaparecimento dos dois *RR*, de *inter* e de *Coilarnos* e ainda o *I* incluso no *O*.

Na face direita, a palavra *inter* sofreu a ablação do *n*. Poderemos interpretar como sendo *iter*, caminho, via, e não *inter*? Inclinamo-nos mais para que seja *inter*, por semelhança com a face esquerda, embora esta forma seja rara.

O marco, do tempo de Cláudio ou de Nero, vem confirmar, mais uma vez, que a demarcação de fronteiras prosseguiu sob o governo dos sucessores de Augusto.

Tanto podemos atribuir a epígrafe ao reinado de Cláudio, como ao de Nero. Com efeito, em ambos coincidem a detenção do poder tribunicio pela sexta vez e o consulado pela terceira. Só a 1. 1, que desapareceu, poderia elucidar-nos sobre este assunto. No entanto, inclinamo-nos mais para a atribuição a Cláudio, que demonstrou um interesse muito maior pela Península Ibérica.

A ser de Cláudio, teremos que datar esta inscrição de entre 25 de Janeiro de 46 e 1 de Janeiro de 47. Se, pelo contrário, a atribuirmos a Nero, teremos que a datar de entre 13 de Outubro de 59 e 31 de Dezembro do mesmo ano.

Dos povos de que esta inscrição nos fala, pouco de seguro podemos dizer. O radical *Raba*, só por si, nada nos diz. Será o mesmo radical que encontramos no nome de dois rios do norte do país, Rabaçal e Rabagão e no topónimo Rabaçal (concelho de Meda) ? Em nome de povo e em inscrições romanas é a primeira vez que esta raiz nos aparece.

Já os *Coilarnos* são conhecidos de outras inscrições. Na inscrição da ponte romana de Alcântara aparecem os *Coilarnni* <sup>(5)</sup>, cuja capital e território desconhecemos. Segundo Ptolomeu, a sua

(5) CIL II 760.

capital seria xotXapvou (6). Seria o povo que está citado na ponte romana de Chaves (CIL II 2477 e 5616 = ILER 1084) com o nome *Coelerni*? Apesar de certa confusão na sua nomenclatura, não podem restar dúvidas de que são dois povos diferentes, como já reconheceram Leite de Vasconcelos e Hübner(7). Os Coelernos estariam situados a norte, já em território actualmente espanhol (8), e os Coilarnos entre Douro e Tejo(9).

As fronteiras entre os dois povos de que nos fala o marco, não podemos, pois, estabelecê-las. No entanto, parece que poderemos ter uma certeza: o marco dividiria no sentido norte-sul ou noroeste-sudoeste, pois a fronteira de oriente seria natural, constituída pelo rio Tedo, que ainda hoje serve de divisória concelhia, com as suas íngremes encostas, quase inacessíveis aos frágeis meios de locomoção dos habitantes dos castros.

Só o achamento de novas inscrições poderá trazer luz aos problemas que ficam por resolver.

JOÃO LUÍS VAZ

(6) Citado por Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, (=RL) II, 1905, p. 74.

(7) RL, II, p. 74-75. Hübner, falando destes povos, diz-nos: «*Colamos* Plinius (4, 37, 118) memorat inter Lusitaniae stipendiarios; diversi fuerunt a *Coelernis*, qui leguntur in titulo pontis Aquiflaviensis, quem infra dabimus; *Coelerni*, enim memorantur apud Plinium 3, 3, 28 et Ptolommaei (3, 6, 43) xoiXeptvoi sunt» (CIL, II, p. 95).

(8) Em Castromao (Celanova), a sudoeste de Orense, foi encontrada uma *tessera hospitalis*, que iefere o pacto celebrado entre os *Coelerni* e *G. Antonius Aquilus* (J. FERRO COUSELO e J. LORENZO FERNÁNDEZ, *La «tessera hospitalis» del Castromao*, «Boletín Auriense», I, 1971, p. 9-15).

(9) Acerca da localização destes povos, diz A. Tovar, em resposta a uma carta que sobre o assunto lhe foi enviada pelo sr. Dr. José d\*Encarnação: «No tenemos ningún dato sobre los *Colarni* en cuanto a sus ubicaciones. Los *Coelerni* de Gallaecia son otros, si bien el nombre podría ser el mismo con esos diptongos raí os del oeste peninsular». O mesmo desconhecimento foi manifestado por M. Lourdes Albertos. Concorde em que serão também um povo distinto dos *Coelerni* e *Coelerni*, mas nada mais nos adianta.

Para Mário Saa (*As Grandes Vias da Lusitânia*, III, p. 292-293) os *Colamos* eram «os povos imediatamente a este do Coa, antigo Cola».

Russel-Cortez, sem argumentos, situa-os na freguesia de Arnas, Sernancelhe. (Ver o *art. cit.* na nota 2, p. 25).

EST. I



1



EST. II

2



3

